

# Em livro, detalhes originais do Cruzado

por Celso Pinto  
de São Paulo

Janeiro de 1986. No almoço em que o banqueiro Olavo Setúbal se despedia do cargo de chanceler, às vésperas de lançar sua candidatura ao governo paulista, o assessor do então ministro Dilson Funaro, João Manuel Cardoso de Mello, lhe coloca uma questão hipotética.

O que Setúbal achava que aconteceria, "se nós conseguíssemos acabar com a inflação de um golpe?", perguntou Mello. Aceitando a provocação, mas considerando a hipótese absurda, Setúbal foi franco. "O meu banco quebrava e eu perdia a eleição".

Como se sabe, pouco depois, com o Plano Cruzado, a inflação foi abatida de um golpe (temporariamente). Setúbal retirou sua candidatura ao Estado de São Paulo e seu banco, o Itaú, não quebrou, mas amargou tempos bem mais duros. O que parecia inteiramente absurdo aconteceu.

Essa história está contada no livro "Aventura e Agonia. Nos Bastidores do Cruzado", do jornalista Carlos Alberto Sardenberg, que irá para as bancas nos próximos dias. Sardenberg, 41 anos, que foi secretário de Comunicação Social do ex-ministro João Sayad, faz, em 363 páginas, um minucioso relato da gênese, apogeu e morte do Plano Cruzado, na ótica de quem acompanhou muitos dos fatos cruciais por dentro da máquina do governo.

O livro faz uma interessante reconstituição do debate teórico sobre a origem da inflação e suas terapias, que precedeu o Cruzado e refaz, com riqueza de detalhes, os passos que antecederam a decisão. Muitas das histórias secretas do Cruzado foram reveladas depois que o Plano veio à tona e com extraordinário apoio popular.

Mesmo assim, adicionase algo no livro. Sardenberg reproduz, por exemplo, alguns dos memorandos preparados pelo economista Pérsio Arida no final de cada uma das reuniões, secretas, do grupo dos "Cruzados". E irônico, sem dúvida, ler um resumo preparado por ele para uma reunião no dia 25 de janeiro de 1986, onde recomendava avaliar com cuidado todos os preços agrícolas, "especialmente a carne", e importar alimentos com folga e antecipadamente. Nada disso foi feito e o Cruzado começou a morrer na batalha da carne e na incompetência para importar a tempo alimentos.

Muitos pontos do Plano Cruzado foram decididos dias ou horas antes de seu anúncio, no dia 28 de fevereiro. Até o dia 17 de fevereiro, falava-se em "lista de preços máximos" e não em congelamento geral. Já na reunião do dia 24 de fevereiro, no Palácio da Alvorada, o presidente Sar-

ney foi categórico: "O congelamento é a pedra de toque desse programa", disse ele aos economistas do Cruzado, que, alguns meses antes, ele chamava de "grupo da bomba atômica".

O abono salarial só cresceu de 4 para 8% dois dias antes do anúncio do Cruzado. O receio de uma má receptividade dos trabalhadores fez engordar as concessões. Na verdade, diz o livro, o governo chegou a pensar em conceder a semana de 40 horas dar algum tipo de estabilidade junto com o Cruzado. Até poucas horas antes de o presidente ir à televisão, ainda prevalecia uma fórmula para os salários pela qual os trabalhadores poderiam optar por continuar recebendo em cruzeiros, desvalorizados no futuro pela "tablita", ou em cruzado. A idéia foi derrubada por razões legais e práticas.

Houve dúvidas, inseguinças e muito atropelo de última hora. O consultor geral da República, Saulo Ramos, quando ficou sabendo das idéias do Plano Cruzado em detalhes, no dia 18 de fevereiro, através de um relato de Arida, foi direto na avaliação: "Vocês estão fazendo uma bruta coisa maluca". O ministro-chefe do SNI, general Ivan Mendes, numa reunião feita na semana decisiva do plano, colocou de forma clara os riscos. "O presidente joga o seu mandato nesse programa", sentenciou.

O livro veio sendo elaborado ao longo do último ano e deveria ter sido, originalmente, apenas um relato das origens e da confecção do Plano Cruzado. A dinâmica da economia e a demora na conclusão do livro acabaram transformando-o, também, na história da agonia e morte do Cruzado.

Os problemas do Plano Cruzado aguçaram-se com o "cruzadinho" de julho e chegaram a um limite no Cruzado II de novembro. A esta altura, a relação pessoal entre os ministros Funaro e Sayad e entre suas equipes já estava inteiramente deteriorada. Em janeiro deste ano, quando Funaro pediu o apoio de Sayad para a reedição do Cruzado, ouviu, segundo o livro, uma resposta seca de Sayad: "Vocês estão loucos".

A parte mais rica do livro, contudo, é a que segue a idéia original de contar as origens do Cruzado até sua aprovação. A agonia e a morte são relatadas de forma mais rápida e centrada muito mais nas divergências pessoais entre Funaro e Sayad. Em certos episódios mais recentes, por isso mesmo, o livro não escapa de um certo simpismo e carrega um viés que acaba tornando Funaro e sua equipe a origem de todos os maus. Nas vezes em que isso acontece, o viés mais atrapalha do que ajuda a compreender a história.